

A ALTERNÂNCIA DOS PRONOMES *TU* E *VOCÊ* NO PORTUGUÊS VERNACULAR DE ANGOLA

THE ALTERNATION OF THE PRONOUNS *TU* AND *VOCÊ* IN THE VERNACULAR PORTUGUESE OF ANGOLA

José Carvalho da Conceição Pedro Chipia (ISCED-Sumbe)¹

Fátima Aparecida de Souza (UFBA)²

Resumo: O presente artigo, resultado de uma pesquisa de mestrado que investigou a alternância entre os pronomes *tu* e *você* no português vernacular de Angola, tem como objetivo apresentar alguns caminhos para a compreensão do fenômeno da variação linguística, com vistas à eliminação de estigmas linguísticos ainda muito disseminados em espaços acadêmicos e não acadêmicos angolanos. Inspirada nos estudos da Sociolinguística de Labov (2008) e respaldada pelo aporte teórico de autores como Martelotta (2008), Lucchesi (2006) entre outros, a investigação aborda os elementos essenciais para a compreensão do fenômeno da variação linguística. Em se tratando de variação linguística, a pesquisa enfatiza os conceitos de variável e de variante, entendendo que a primeira diz ao elemento da gramática sujeita à variação, enquanto a segunda se refere às diferentes formas que representam essa da variável. Em muitos casos, quando uma dessas variantes passa a predominar sobre a outra, desencadeia-se um processo de mudança linguística. Desde tenra fase, o falante tem ao seu dispor uma gramática natural, a responsável pela aquisição de todos os processos linguísticos a que ele estará sujeito. Nesse processo, são assimiladas as construções produzidas no seu meio social, o que lhe permite produzir enunciados nunca ouvidos. Os resultados da pesquisa indicam que, se a língua for entendida como meio de interação entre as pessoas, compreende-se toda língua está sujeita à variação, uma vez que se adapta continuamente em função do contexto, da idade, do território e do sujeito que dela faz uso.

Palavras-chave: variação linguística; variável; variante; pronomes.

Abstract: This article, the result of a master's thesis that investigated the alternation between the pronouns *tu* and *você* in the vernacular Portuguese of Angola, aims to present some avenues for understanding the phenomenon of linguistic variation, with a view to eliminating linguistic stigmas that remain widespread in both academic and non-academic settings in Angola. Inspired by Labov's (2008) sociolinguistic studies and supported by the theoretical contributions of authors such as Martelotta (2008) and Lucchesi (2006), among others, the research addresses the essential elements for understanding the phenomenon of linguistic variation. With regard to linguistic variation, the study emphasizes the concepts of "variable" and "variant," understanding that the former refers to the grammatical element subject to variation, while the latter refers to the different forms that represent that variable. In many cases, when one of these variants comes to predominate over another, a process of linguistic change is triggered. From an early stage, the speaker has at their disposal a natural grammar, which is responsible for the acquisition of all the linguistic processes to which they will be subject. In this process, the constructions produced in their social environment are assimilated, allowing them to produce utterances they have never heard before. The results of the study indicate that, if language is understood as a means of interaction among

¹ Mestre em Ciências da Educação pelo Instituto Superior de Ciências da Educação do Sumbe (ISCED-Sumbe), Sumbe, Cuanza Sul, Angola. E-mail: josecarvalhochipia@gmail.com.

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: fatima.souza@ufba.br.

people, it follows that every language is subject to variation, since it continually adapts according to context, age, region, and the speaker.

Keywords: linguistic variation; variable; variant; pronouns.

Introdução

O presente artigo é parte da dissertação intitulada “A alternância entre os pronomes *tu* e *você* no português vernacular de Angola: sua abordagem em sala de aula, a partir de canções”. Tal trabalho, sob orientação da Professora Doutora Fátima Aparecida de Souza (UFBA-Brasil), foi defendido no Instituto Superior de Ciências de Educação do Cuanza-Sul, no curso de Ciências de Educação, na especialidade de Ensino da Língua Portuguesa. Nele, buscamos mostrar os caminhos considerados relevantes para a compreensão do fenômeno da variação linguística, a fim de contribuir para a superação dos estigmas linguísticos comuns em espaços acadêmicos e não acadêmicos. Inspirado na sociolinguística laboviana (2008), em especial na variação linguística, o presente estudo reflete o que se deve considerar quando se aborda esse tema, procurando apresentar elementos que nos levem à compreensão de fenômenos linguísticos, evitando-se preconceitos associados à variação, os quais derivam, em grande parte, de uma postura adotada por alguns professores que olham o ensino da gramática normativa como se de uma única face da língua se tratasse. O problema não está na língua, mas na forma como muitos a ensinam. Com esta abordagem, pretendemos elevar a consciência crítica dentro dos estudos linguísticos em Angola, proporcionando formas diferentes de ver a língua, para além de uma vertente prescritiva e/ou descritiva. É preciso a criação de pontes no campo dos estudos sobre a variação em Angola, uma vez que a língua é de toda uma comunidade, e seus diferentes usos constituem expressões legítimas de sua materialização linguística.

Para essa abordagem, discutimos, neste texto, o modo como ocorre a alternância dos pronomes *tu* e *você* no português vernacular de Angola, a partir da análise de canções. Na primeira seção, situamos a língua portuguesa no contexto angolano; na segunda, abordamos, brevemente, os conceitos essenciais para a compreensão do objeto de estudo, a saber: variação linguística, variável, variante, norma, sistema, os conceitos de certo e errado e os pronomes. Na terceira seção, apresentamos a análise e a discussão dos dados com base nas letras das canções e, por fim, tecemos as considerações finais, nas quais abordamos a língua como forma de interação.

1 A língua portuguesa em contexto angolano

Na era colonial, a língua portuguesa era a única permitida no espaço geográfico do território que hoje constitui a República de Angola, tanto nas escolas quanto em outras instituições que compunham o Estado português em Angola. Foi também a partir dessa época que Portugal implementou, nas suas colônias, o projeto de lusitanização.

Em 1961, com o começo da luta armada de libertação nacional em Angola, o governo português procurou implementar por todo o território uma maior rede de estabelecimentos escolares e, conseqüentemente, promover e divulgar mais afincadamente, a língua e a cultura portuguesas por um maior número de angolanos. Todavia, para a grande maioria dos angolanos, as repercussões ao nível da escolarização primária não se tornaram visíveis apesar da abolição da discriminatória Lei do Indigenato. (Zau, s/d, p. 240).

Em Angola, o português como a única língua de ensino encontra sustentabilidade na Constituição da República, no artigo 19.º, nos dois primeiros artigos: “1. A língua oficial da República de Angola é o português. 2. O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização

das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional”. (Constituição da República de Angola, 2022, p. 26). Apesar dessa Lei dar uma certa abertura para o ensino das línguas nativas, ela consagra única e simplesmente o ensino na língua portuguesa, o que se pode depreender dos verbos “valorizar” e “promover”, quando se referem a outras línguas. Nisso, reside o caráter obrigatório e coercitivo da língua portuguesa. Sem ela, não se tem acesso às instituições do Estado. Portanto, atualmente, como consequência das políticas portuguesas na era colonial, reflexo da lusitanização, ocorre que o ensino do português não respeita os aspectos culturais, a identidade do povo deste território; ele é feito com base na realidade lusa.

Por exemplo, oficialmente os instrumentos que norteiam o ensino da língua portuguesa, em Angola, são assentes na visão de ensino luso, como é o caso dos materiais: *Convergência: Manual Universitário de Português* (2011) e o *Saber Mais: Manual de Língua Portuguesa para o ensino universitário* (2016). Esses materiais são também usados no ensino geral por iniciativa de certos professores. Neles, à semelhança da realidade lusófona (cf. Borregana, 2011), a palavra *suar e soar, moral, mural*, são homófonas, quando, na realidade, à semelhança do Brasil (cf. Pestana, 2013), maior parte dos angolanos materializa-as como parónimas.

Para Fernandes e Ntongo (2002) citado por Silva (2020, p. 69)

[...] a língua portuguesa, com o estatuto de língua oficial, exerce um papel plurifuncional de uso nos domínios da vida sociopolítica, económica e cultural e é de uso veicular no país, pois permite a comunicação entre os vários grupos etnolinguísticos. Há, de facto, diferenças significativas entre a língua portuguesa tida como oficial, que é a denominada de padrão europeu, e a língua portuguesa utilizada pelos falantes de Angola. Essas diferenças observadas a nível fonológico, morfológico e sintático, que hoje podemos designar de português de Angola ou português vernáculo de Angola, resultam da variação da concordância de número e género entre os elementos do sintagma nominal. (...).

É por essa razão que o ensino do português em Angola deve ter sempre em conta a realidade local, um ensino que paute pelo que se diz localmente, sobretudo do ponto de vista fonético. Porém, não queremos com isso dizer que tudo o que se fala e/ou se escreve deve ser visto como português local, mas defendemos, sobretudo, o respeito pela diversidade linguística, considerando que o português falado em Angola é atravessado por um ambiente linguístico angolano heterogêneo, abrangendo línguas locais como umbundu, kimbundu, cokwe, kikongo, ngangela etc., assim como o português também as atravessa.

Há que se ressaltar que a lusitanização surge como um projeto da metrópole, que tinha como objetivo estender o comportamento do reino de Portugal às suas colônias. Ou melhor, os nativos das colônias estavam obrigados, a partir de decretos, a adquirir os hábitos e os costumes portugueses como se fossem pessoas nascidas em Portugal. É por força disso que surgem os estatutos de assimilados, classificando os nativos segundo o seu grau de assimilação da cultura e dos hábitos portugueses. Por meio desse projeto, Portugal mandou para as suas colônias sujeitos que foram encarregados dessa missão. Porém, tendo encontrado a barreira linguística, optou pelo processo inverso: sujeitos nativos foram enviados à metrópole a fim de aprenderem a língua, os hábitos e os costumes de Portugal, para que, ao chegarem às suas terras de origem, ajudassem o colono na prossecução dos seus objetivos dentro do projeto de lusitanização.

A lusitanização foi usada como forma de disseminação da (ideia de) língua portuguesa através do uso de múltiplas estratégias que foram implementadas para reforçar o papel político do português como uma língua oficial cuja proficiência é regulada por ideologias normativas. A intensa e contínua produção de instrumentos linguísticos e de materiais pedagógicos reforça o mito da língua, cuja formatação moderna originou-se nas políticas dos Estados Nacionais europeus (Harris, 1981), as quais visam criar uma identidade linguística nacional

através da difusão de uma língua padrão em contextos de educacionais, administrativos e midiáticos. (Severo e Makoni, 2015, p. 112-113).

A rigidez cultural era tão assente que, dificilmente, as pessoas conseguiam atingir o desejado. Ou seja, por mais esforço que fosse feito, os nativos carregavam ainda marcas, sobretudo linguísticas, na realidade territorial devido aos múltiplos condicionamentos culturais, linguísticos, políticos econômicos e sociais. Esta situação “ajuda a explicar a razão porque (sic) apenas menos de 1% dos negros, em 1960, foram legalmente classificados como “assimilados” (Zau, S/d, p. 185). Assim, o projeto fortemente disseminado em função de uma língua homogênea estava gorado ao insucesso.

2 Conceitos-chave para a compreensão de fenômenos variacionista

Sabe-se que a teoria laboviana não deriva de uma realidade multilíngue, o que poderá fazer que, talvez, o recurso a ela não se justifique. Entretanto, selecionamos essa teoria por considerarmos que a língua se constitui historicamente nas relações sociais, sendo atravessada por diversos fatores, além de nos fornecer os elementos teórico-conceituais necessários para abordar questões relativas à variação linguística.

Conforme já anunciamos, Angola é um país multilíngue, no qual diversas línguas locais coexistem com o português, como o umbundu, o kimbundu, o chokwe, o kikongo, entre outras. Essa realidade de coabitação linguística faz com que o português falado no país adquira características próprias, distinguindo-se de outras variedades da língua portuguesa. Em decorrência desse contexto, o português de Angola apresenta especificidades que o diferenciam das demais realidades lusófonas.

Como se sabe, na coabitação entre duas ou mais línguas, a influência mútua é inevitável: nesse contexto, o português influencia as línguas nativas, ao mesmo tempo em que é influenciado por elas. Outro fator que contribui significativamente para a variação linguística é a dimensão territorial de Angola, com seus 1.246.700 km², além da proximidade com os países limítrofes. Um exemplo é a província de Cabinda, cuja localização junto à República Democrática do Congo exerce forte influência sobre as práticas linguísticas da região, especialmente na oralidade

No âmbito deste estudo, vale destacar que a sociolinguística surge em 1950, consolidando-se, porém, cerca de 10 anos depois, sob a influência de William Labov, seu precursor, que, inspirado em Meillet, aborda a língua como elemento social, estando sujeita a fatores extralinguísticos, os quais a condicionam. Labov (2008) encara a língua como elemento social e defende não ser possível estudá-la de forma isolada, por ela estar intrinsecamente ligada à sociedade. Para o referido autor, as variações linguísticas não são erros, desvios ou imperfeições, mas são reflexos de aspectos sociais, de classe, de geração, de grupo étnico, de gênero e de contexto comunicativo. (cf. Martelotta e outros, 2008, p. 146-143).

É fundamental dizer que se não pode falar de Labov, sem que antes se mencione, ainda que de uma forma breve, o linguista e filósofo estruturalista, Ferdinand Saussure. Saussure (2006) faz-nos saber da existência de uma estrutura linguística, representando a homogeneidade da língua, acreditando no falante ideal. Para ele, não haveria fatores externos alguns capazes de influenciar a língua; os fatores só deveriam ser internos, inerentes à língua, porque ela, por si só, se bastava, era autônoma. Com a sua proposta de *langue* e *parole*, *sincronia* e *diacronia*, Saussure faz saber que a língua – *langue* – é homogênea e social, por seu turno, a fala (*parole*) é heterogênea. Ou seja, Saussure estabelece uma relação entre língua e sociedade ao reconhecer que a linguagem possui uma dimensão social e outra individual. Em razão disso, e por considerar a dimensão individual como subjetiva, escolhe a língua como objeto da Linguística. No entanto, ressalta que a língua só pode ser conhecida por meio da fala, assim como a fala só se realiza a partir da língua. Essa concepção é alvo de críticas por parte de Labov (2008, p. 217), para quem Saussure e seus discípulos não

investigam o comportamento linguístico em sua dimensão social, privilegiando ora o indivíduo como representante da sociedade, ora o conhecimento que ele possui sobre a língua.

Para Saussure (2006), a língua deve ser estudada sob uma perspectiva sincrônica, e não diacrônica, uma vez que, para o falante, interessa o estado atual da língua, e não sua evolução histórica. Nessa perspectiva, a língua é compreendida a partir de seu funcionamento em um determinado momento. É em diálogo e, sobretudo, em contraposição a esses pressupostos que emerge a Sociolinguística.

A Sociolinguística “é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura lingüística e os aspectos sociais e culturais da produção lingüística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação”. (Martelotta e outros, 2008, p. 143).

Portanto, é dentro da posição da teoria variacionista, sem a separarmos, necessariamente, do que é gramatical, uma vez que a variação entendida atua sempre sobre uma variável linguística, que estaremos a abordar a temática trazida. Nos tempos que correm, o conceito de língua está intimamente ligado ao de cultura, é o que podemos depreender da definição de Santos citado por Mudiambo (2014, p. 28), segundo a qual “a língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduo, mas é igualmente a expressão da consciência de uma comunidade linguística”. A língua reveste-se de um carácter dinâmico e contínuo, sofre variações, por isso o português falado em Angola não é igual ao falado no Brasil e ao falado em Portugal. Prova inequívoca disto é o fato de no espaço angolano haver variações que são exclusividade de uma dada província, como consequência do distanciamento existente entre as províncias que compõem o território angolano.

Por não ser a língua portuguesa homogênea, ela apresenta variações diversas de acordo com a zona em que é falada. Estas variações são de várias naturezas, por exemplo, geográfica, histórica, ocupacional, geracional, socioeconômica, étnicas, entre outras (*cf.* Aitchson, 1993, p. 122).

Na perspectiva de Xavier e Mateus (2007) citado por Adriano (2015, p. 29), a variação linguística é vista como um “fenômeno pelo qual uma determinada língua nunca é, num outro lugar e grupo social, igual ao que era numa época, num outro lugar e num grupo social”. Para nosso estudo, ater-nos-emos ao conceito de variação defendido por William Labov (2008). Para o referido autor, variação “é a opção de dizer a mesma coisa de maneiras diferentes.” (Silva *et al.*, 2019, p. 21).

Por se tratar de uma teoria que estuda a língua em seu contexto de uso, sua aplicação ao contexto angolano, exigiu a mobilização de seus elementos-chave, uma vez que foi formulada a partir de uma realidade distinta da de um contexto multilíngue. Nessa perspectiva, compreendemos a variação linguística como um importante elemento identitário de um povo, ainda que essa identidade, por vezes, passe despercebida aos olhos de muitos.

Com isso, conclui-se que a variação linguística não tem nada de negativo; pelo contrário, ela é um reflexo da riqueza e da dinâmica da língua em diferentes contextos sociais. A língua é resultado de experiências humanas diversas que levam em conta as questões históricas, culturais, sociais, políticas. Assim, é fundamental que o ensino da língua portuguesa não se restrinja apenas à gramática normativa, mas que também contemple as diversas manifestações da língua em uso real porque vários são os fatores que propiciam a variação linguística. Segundo Duarte (2000, p. 21), “a mera observação do que se passa a nossa volta permite-nos concluir que a língua portuguesa não é homogênea, i.e., apresenta áreas mais ou menos extensas de variação, imputáveis a factores de diferente natureza”. A autora afirma que há fatores de diferentes naturezas que evidenciam que a língua não é homogênea, sendo, portanto, passível de variação em função da situação de uso, do tempo e do espaço. Entre esses fatores, destacam-se a variação diatópica (geográfica), a variação diastrática (social) e a variação diafásica (situacional).

A variação diatópica é resultante de questões geográficas, o que significa que os diferentes usos da língua variam em diferentes regiões. Por exemplo, o português usado no Brasil difere muito,

sobretudo do ponto de vista oral, do português falado em Angola e em Portugal. A variação diatrática, ou social, é aquela segundo a qual o grupo social ao qual pertencemos influencia significativamente a forma como utilizamos a língua. Isso significa que fatores como a profissão dos falantes, seus níveis de escolaridade e as diferentes culturas a que pertencem impactam diretamente o uso que fazem da língua. A variação diafásica, ou situacional, indica o grau de formalismo *versus* informalismo da situação discursiva, indica também o uso das modalidades escrita ou oral. A variação relacionada a fatores situacionais evidencia que aquilo que nós dizemos e/ou escrevemos é condicionado pela situação: é a pragmática da língua.

Para além dessas variações, ressaltamos que o fator temporal constitui elemento determinante para o surgimento de variações linguísticas. (cf. Duarte, 2000, p. 22-25; Calvet, 2002, p. 109-111; Bechara, 2009, p. 24;). Portanto, é mister reconhecer que todas estas variações só são possíveis porque o sistema linguístico assim o permite, ao facultar uma ampla gama de possibilidade de usos circunstanciais por contextos específicos.

Com relação ao conceito de variável, para que se compreenda o seu significado, primeiramente convém-nos esclarecer que este se atém à forma susceptível de variação, e não ao elemento que condiciona tais variações.

Do ponto de vista sociolinguístico, entende-se por variável, nessa acepção, aquele lugar da gramática (classificação) que está em variação. Isto é, parte da gramática, morfologia, sintaxe, fonética e fonologia, semântica, dentro da qual ocorre um determinado fenômeno linguístico. Calvet (2002, p. 102-103) afirma que “temos variáveis linguísticas quando duas formas diferentes permitem dizer ‘a mesma coisa’ ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles representam têm uma função outra, estilística e social”. Entretanto, é importante salientar que é a partir da observação do sistema variável que se deve começar um estudo sobre variação linguística. Ou seja, não há variação linguística na inexistência de uma variável. É por essa razão que Freitag e Lima (2010, p. 49) afirmam de forma categórica que a variável linguística “é um constructo teórico básico da Sociolinguística Variacionista. É o objeto ou o foco da pesquisa. A variável linguística costuma ser relacionada como variável dependente”.

Em relação à variante, quando se estão a analisar os dados, o que na verdade se está a fazer é a observação de presença ou ausência de variantes que comprovem ou não a existência de uma variável linguística, a partir da qual se conclui se há ou não o fenômeno da variação linguística.

A partir disso, podemos afirmar que, no âmbito da sociolinguística, o termo variante é utilizado sempre quando estamos diante de formas variáveis/mutáveis que se permitem revezar a fim de corresponder ao mesmo propósito em uma função comunicativa. Nesse processo, muitas vezes, acontece que, sendo uma delas usada com mais frequência que a outra, a variação se transforma em mudança. Ou seja, uma das variantes acaba desaparecendo da prática social.

Segundo Martelotta *et al* (2006), p. 142), o termo “variante é utilizado para identificar uma forma que é usada ao lado de outra na língua sem que se verifique mudança no significado básico”. Parte do princípio de que, para o estudo de uma variável, tem-se de conhecer as variantes que concorrem para a sua posição.

Considerando o campo dos estudos sobre os fenômenos variacionistas, destacamos algumas abordagens sobre normas e gramáticas, a fim de contribuir para se desfazer os preconceitos que costumam surgir sempre que se está em presença de uma variação que não seja a da gramática normativa.

Em sua concepção mais básica, o conceito de *norma lingüística* remete a um determinado padrão coletivo de comportamento lingüístico dentro de uma mesma comunidade de fala. Tomando-se como base o sistema de avaliação subjetiva das variantes lingüísticas e as tendências de mudança, a proposição de normas lingüísticas distintas dentro de uma mesma comunidade de fala decorreria da possibilidade de se identificar, no seio dessa comunidade, sistemas de avaliação social da variação lingüística diferenciados, associados a processos independentes de mudança lingüística. (Lucchesi, 2006, p. 89-90).

Para uma melhor compreensão de variação, é necessário saber os posicionamentos que se tem sobre o que é norma. Não basta estudar gramática, é preciso estudar também sobre gramática.

O termo norma comporta dois conceitos distintos, expressos pela língua através de duas derivações possíveis do substantivo norma, que resultam nos adjetivos «nomal» e «normativo». O normal será, assim, o habitual, o costumeiro, o tradicional dentro de uma comunidade. O normativo, por seu turno, vai remeter para o sistema ideal de valores que, não raro, é imposto dentro de uma comunidade. (Lucchesi, 1994, apud Adriano, 2015, p. 48).

É dentro dessa convivência entre o normativo e o normal que surgem formas diferentes de dizer a mesma coisa. Para o caso concreto de Angola, acontece que a maior parte dos seus habitantes não tem o domínio do normativo, um modelo assente no padrão lusitano, muito por conta do contexto linguístico e sociocultural (o português em Angola é atravessado por várias línguas) e, sobretudo, do número elevado de pessoas fora do sistema escolar, as quais acabam sendo privadas dos direitos de cidadania: promove-se o *apartheid* social.

No português falado em Angola, é frequente que os pronomes *tu* e *você* sejam usados de forma alternada para se referirem à mesma pessoa. Tal alternância não é visível apenas entre esses pronomes, mas também nas formas que lhes correspondem. Essa situação impele-nos a buscar compreender as razões que estão na base desse fenômeno. Daí decorrem as seguintes questões: em que consiste a alternância entre os pronomes *tu* e *você* no português vernacular de Angola? Em que medida fatores intra e extralinguísticos influenciam essa alternância?

Portanto, na tentativa de compreender esse problema, nosso objetivo geral consiste em descrever a alternância entre os pronomes *tu* e *você* no português vernacular de Angola, a partir de duas canções de artistas angolanos. Para tanto, registramos um recorte dos dados encontrados na pesquisa e apresentamos a forma como esse fenômeno se materializa nas canções. Relativamente aos objetivos específicos, pretendemos analisar se os enunciados das duas músicas selecionadas comprovam essa alternância pronominal. Pretendemos, também, identificar qual das variantes, *tu* ou *você*, é mais frequente e analisar se, quando ocorrem, essas variantes mantêm ou não as marcas da flexão verbal canônica e da concordância em suas formas pronominais átonas, tônicas e possessivas. Essa discussão serviu-nos de base para a pesquisa sobre a alternância dos pronomes *tu* e *você* no português vernacular de Angola.

3 Análise e discussão dos dados

Para a análise e discussão e para definição de seu *corpus*, extraímos dados de duas músicas que compõem alguns estilos de canções produzidas por músicos angolanos. As transcrições das letras, apresentamo-las de forma fiel, porque, em matérias de registos musicais, em Angola, pouco ou quase nada se faz, ou seja, não há uma base de dados de consulta das músicas locais, as plataformas digitais não funcionam neste quesito. Por essa razão muitos dos seus músicos têm suas músicas registradas em outros países.

Apesar dessa dificuldade, tivemos o cuidado de colocar os *links* extraídos da plataforma *Youtube*. Depois de selecionadas as músicas, os passos subsequentes foram: (i) transcrever os extratos musicais dentro da visão da Sociolinguística Variacionista; (ii) descrever e analisar as ocorrências pronominais de segunda pessoa (*tu* e *você*) no português vernacular de Angola, de acordo com as variáveis linguísticas e extralinguísticas. Para o presente artigo, selecionamos as músicas (a) *Mónica* e (b) *Amor Melaço*.

(a) Mónica

“Mônica” é uma música de Kyaku Kyadaff, um respeitado músico angolano, natural da província do Uíge, que é docente universitário. O artista, com suas músicas, abrilhanta os palcos angolanos e não só.

1. No meu carro só tem a *tuas* coisas, na minha mente o *seu* nome
2. Tudo que falo *você* não *crês*
3. Mas *te* abracei como ninguém, e *você* *entendeu* o sinal
4. Só espero que *compreendas* que esse amor é para sempre
5. Os vizinhos falam mal de nós, porque nos abraçamos toda hora
6. Até os deuses revelarão sobre nós, dizem que nosso amor é reencarnação
7. Está escrita no romance do imperador, até em cas-cas todo mundo sabe
8. Não existe frio nem calor, não existe tempo que nos afasta
9. Eu sou como *você*, e *você* como eu
10. Se não fosse a *sua* cobardia eu voltaria amor
11. Ohh mónica (mónica)
12. Porque *você* me faz assim, se *és* alinda flor do meu jardim.

Quantificando, temos, de forma expressa, 4 ocorrências para o pronome *você*, na segunda, terceira, e nona linhas (2x), zero ocorrência para o *tu*, quanto às formas que lhes dão a alternância, temos: 1 frequência para o pronome oblíquo átono *te*, na terceira linha, 1 frequência para o pronome possessivo de segunda (*tuas*), na primeira linha, 2 frequências para o pronome possessivo de terceira (*seu*, *sua*), na primeira e décima linha.

No que concerne às formas verbais, temos: 3 frequências com verbos na segunda pessoa singular (*crês*, *compreendas*, *és*), na segunda, quarta e décima segunda linha e 2 frequências com verbos na terceira pessoa singular (*entendeu*, *faz*), na terceira e décima segunda linha.

Quadro 1 - Quadro de Ocorrências

Ocorrência pronominal	Alternância
<i>Você</i> – linha 02 <i>Você</i> – linha 03 <i>Você</i> – linha 09 (2X)	Pronomes: <i>Seu</i> – linha 01 <i>Sua</i> – linha 10 Verbos: <i>Entendeu</i> – linha 03 <i>Faz</i> – linha 12
<i>Tu</i> – 0	Pronomes: <i>Te</i> – linha 03 <i>Tuas</i> – linha 01 Verbos: <i>Crês</i> – linha 2 <i>Compreendas</i> – linha 04 <i>És</i> – linha 12

Fonte: Autoria própria (2025)

Nessa letra, vemos como o autor se serve do uso alternado entre os pronomes *tu* e *você*, fazendo coabitar as variantes pronome possessivo (*tuas* e *seu*) com a mesma referência. Quando se serve de forma explícita do pronome *você*, no lugar da primeira pessoa verbal que lhe corresponde (*crê*) serve-se da forma verbal de segunda pessoa *tu* (*crês*), originando duas outras variantes que concorrem para a mesma realidade (*crê* e *crês*), segunda pessoa singular de *você*. Essa concordância é influenciada pela variável independente do campo linguístico, traço semântico, existente entre o pronome *tu* e *você*, ambos usados para se referir à segunda pessoa singular: “há fatores que influenciam a concordância, como: **a posição do sujeito em relação ao verbo, a distância entre o sujeito e o verbo**, o paralelismo no nível oracional, a animacidade do sujeito, o paralelismo no nível discursivo e a saliência fônica”. Brandão e Vieira (2007) citadas por Baronas (2022, p. 128, grifo nosso). Também temos a alternância entre o pronome de segunda pessoa singular *te* ao serviço do pronome *você*.

Tem-se a presença de mais um verbo de *tu* (*compreendas*) no lugar de um verbo de *você* (*compreenda*). Portanto, o que vemos nesta letra é que o processo de variação entre os pronomes *tu* e *você* é extensivo a todas as suas formas, desde a conjugação verbal aos pronomes possessivos e oblíquos e que o sujeito subentendido tende sempre a fazer com que o verbo fique na segunda pessoa singular em *tu*.

(b) Amor Melaço

“Amor Melaço” é umas das músicas dos Irmãos Almeida, dupla composta por Beto de Almeida e Moniz de Almeida. É um clássico da música angolana.

1. Como é bom saber que *tás* de volta
2. *Seu* batom volta pintar a minha camisa
3. O *teu* cheiro volta a colar na minha roupa
4. Os *teus* brincos *voltas* a esquecer na minha banca
5. Eu só *te* dei valor depois de *você* partir
6. Valente *você é*, ninguém conseguiu *lhe* substituir
7. Olho pra o cinzeiro vejo *seu* cigarro cheio de baton
8. Imagino os *teus* lábios, carnudos como eles são
9. Tudo *teu* fica comigo...

Quantificando, temos de forma explícita o pronome *você* com 1 ocorrência, na sexta linha, nenhuma ocorrência para o pronome *tu*. Nas formas que *lhe* dão as alternâncias, temos 1 frequência para o pronome *te*, 4 frequências para o pronome possessivo *teu*, na terceira, quarta (plural), oitava (plural) e nova linha, 2 frequências para o pronome possessivo *seu*, na segunda e sétima linha.

No que se refere às formas verbais, temos: 2 ocorrências para a segunda pessoa singular (*tás*, *voltas*) na primeira e quarta linha; 1 frequência da terceira pessoa singular referindo-se ao *você* (*é*) na sexta linha.

Quadro 2 - Quadro de Ocorrências

Ocorrência pronominal	Alternância
<i>Você</i> – linha 05	Pronomes: <i>Seus</i> – linhas 02 e 07. Verbos: <i>É</i> – linhas 06
<i>Tu</i> – 0	Pronomes: <i>Te</i> (1x) – linha 05 <i>Teu</i> (4x) – linhas 03, 04, 08 e 09 Verbos: <i>Tás</i> – linha 01 <i>Voltas</i> – linha 04

Fonte: Autoria própria (2025)

A música começa fazendo referência ao pronome *tu*, a partir da forma verbal (*tás*), mas, logo a seguir, na segunda linha, encontramos o pronome possessivo de terceira pessoa singular, *seu*, partilhando a mesma referência, pronome possessivo de segunda pessoa singular, com o pronome *teu* que vem imediatamente a seguir, reforçando essa alternativa o pronome *teus* na quarta linha.

Para marcar o complemento indireto relativo a *você*, recorreu-se ao pronome *te*, em substituição de *lhe*. Fato interessante é que, quando o cantor recorre ao *lhe* para se referir ao *você*, usa-o com sentido de complemento direto do verbo *conseguir* (valente *você é* ninguém conseguiu *lhe* substituir), evidenciando a alternativa entre *te* e *lhe* para se referirem à variável complemento direto, o que é chamado *lheísmo* ou *lheização*, processo por meio do qual se faz a substituição de um complemento direto por um indireto, porém com referência à mesma situação (cf. Kosi, 2021, p.

206). Mais do que uma presença na alternância entre esses pronomes em discussão, o pronome *lhe* é muito usado como complemento direto do pronome de segunda singular pessoa, tanto seja o *tu* ou o *você*.

Relativamente ao uso das formas verbais, só se recorreu à forma de segunda pessoa singular, sempre que o sujeito foi subentendido, dando-nos a saber que, no uso alternativo entre os pronomes *tu* e *você*, o subentendimento do sujeito é o elemento que faz o verbo estar frequentemente da segunda pessoa do singular. Por isso é frequente ouvirmos construções como estas: *você sabe onde estás a ir; você percebe o que dizes*.

Outro ponto a reter é que não existe diferente no traço semântico central entre os pronomes *tu* e *você*, que é grau da intimidade e distanciamento social.

Considerações finais

A partir do estudo feito, concluímos que, se se pensar a língua como meio de interação entre as pessoas, ou como manifestação do pensamento, qualquer língua está sujeita à variação, porque ela sempre será adaptada em função do contexto, estrato social, idade, região e, em função do sujeito que a materializa. Isso porque as pessoas são diferentes e não pensam da mesma maneira e, ainda que pensassem, o modo como materializam o que pensam varia de um indivíduo para o outro: cada um tem forma própria de verbalizar o que pensa, sem comprometer a inteligibilidade. Diferente do que se pensa, as gramáticas normativas também estão apinhadas de variação linguística, tudo passa pela compreensão dos elementos aqui trazidos à reflexão.

A alternância entre os pronomes *tu* e *você* consiste na troca entre as suas formas flexionais. Vários são os fatores que contribuem para tal realidade. Na análise e discussão dos dados, vimos que os pronomes *tu* e *você*, no território angolano, partilham a mesma expressão variável do pronome de segunda pessoa do singular, com indiferenças nas suas formas flexionais: na alternância entre os pronomes *tu* e *você*, o pronome *você* é aquele que mais aparece de forma expressa e esta alternância entre eles acarreta consigo outras variações.

Na coabitação, nascem tantas outras variáveis como é o caso dos pronomes átonos *te*, *lhe* na referência a objeto direto ou indireto, complemento nominal; do pronome possessivo de segunda singular (*tua*) e terceira pessoa singular (*sua*) sendo variantes da variável segunda pessoa singular em *tu* ou *você*. O pronome oblíquo átono *te* apresenta-se como o predileto para se referir aos complementos do pronome *você* em detrimento das formas de terceira pessoa (*o*, *a*, *lhe*, *se*).

Quanto às formas verbais, tivemos apenas um caso em que o pronome *você* recebeu uma forma verbal correspondente ao pronome *tu* (*crês*), o contrário já não encontramos. Outrossim, constatamos que a concordância entre o pronome *você* e as formas verbais de segunda pessoa singular é fortemente motivada pela variável independente do campo linguístico, traço semântico, como resulta de o pronome *você* e o pronome *tu* serem variantes da mesma variável, a segunda pessoa singular, e que o uso frequente dos verbos na segunda pessoa singular nos enunciados com a supremacia do pronome *você* é consequência da variável linguística sujeito subentendido. Tal uso surge com o objetivo de evitar que o discurso resvale para a terceira pessoa do singular quando na realidade se está a dirigir a segunda pessoa singular. Em tal alternância, dificilmente mantêm-se as marcas de flexão verbal canônicas e da concordância nas formas pronominais átonas, tónicas e possessivas de tais pronomes: o uso oscila entre uma e outra forma.

Referências bibliográficas

- ADRIANO, Paulino Soma. *A Crise Normativa do Português em Angola, Cliticização e Regência Verbal: que Atitude Normativa Para o Professor e o Revisor?* Mayamba, 2015.
- ATTECHISON, Jean. *Introdução aos Estudos Linguísticos*. Tradução de António H. Branco. Publicações Europa-America, 1993.
- BARONAS, Joyce Elaine Almeida. Nos caminhos da variação linguística. In: BRANDÃO-SILVA, Flávio; ROMUALDO, Edson Carlos; PEREIRA, Hélcio Batista. (Orgs.). *Da Variação Linguística à "Pedagogia da Variação"*: descrição e ensino de português. São Paulo: Pedro & João Editores, 2022. p. 123-142.
- BORREGANA, António Afonso. *Gramática – Língua Portuguesa*. Texto Editores, 2011.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa* (37ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução: Marcos Marcelino. São Paulo: Parábola, 2002.
- CONSTITUIÇÃO da República de Angola. (2022). Imprensa Nacional – E.P.
- DUARTE, Inês. *Língua Portuguesa: Instrumento de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta, 2000.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; LIMA, Geralda Oliveira Santos. *Sociolinguística*. São Cristóvão/SE, 2010.
- KOSI, Eugénia Emília Sacala. Ainda na Onda de uma gramática do além-mar. In: TIMBANE, Alexandre António; SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio (Orgs.). *O Português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino*. Opção, 2021. p. 194-216.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- LUCCHESI, Dante. Parâmetros Sociolinguísticos do Português Brasileiro. *Revista da ABRALIN*, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, 2006.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- PESTANA, Fernando. *A Gramática para concursos públicos*. Elsevier, 2013.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística geral*. Organizado por Bally, C.; Sechehaye, A. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SEVERO, Cristine Gorski; MAKONI, Sifree B. *Políticas Linguísticas Brasil-África: por uma perspectiva crítica*. (Coleção Linguística, vol. 5), Florianópolis: Insular, 2015.
- SILVA, António Kingui. *Formas de tratamento no português de Angola: estudo sociolinguístico*. Tese de Doutoramento. Universidade de Évora, 2020.

SILVA, Antonio Themístocles Barbosa; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; SISSI, Severina Alves de Almeida. Sociolinguística Variacionista: dos meandros sociais à língua em situação de uso. *J Business Techn*, 10(2), 17-33, 2019.

ZAU, Filipe Silvino. *Educação em Angola: novos trilhos para o desenvolvimento*. [S.l.: s.n.], [s.d.].

Submetido em 30/07/2025

Aceito em 23/07/2026